

# Estruturas funcionais de predicções com os verbos

## *existir/haver/ter* do Português<sup>1</sup>

Eli Nazareth Bechara

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – IBILCE – Universidade Estadual Paulista (UNESP) – São José do Rio Preto-SP – [bechara@ibilce.unesp.br](mailto:bechara@ibilce.unesp.br)

**Resumo.** No Português do Brasil, em certos contextos, os verbos *existir* (linguagem neutra), *haver* (formal) e *ter* (informal) – com SN geralmente indefinido, posposto, com circunstancial locativo – são sinônimos entre si: comportam-se como predicados pseudo-transitivos, tendo seu único argumento a função semântica Meta, a função sintática Objeto Direto e a função pragmática Tópico Novo. Em outros contextos, *existir* – com SN geralmente definido, anteposto, sem aceitar circunstancial locativo – não se mostra sinônimo de *haver* nem *ter*: comporta-se como verbo intransitivo, numa estrutura de predicado predicativo, tendo seu único argumento a função semântica Ø, a função sintática Sujeito e a função pragmática Tópico Dado.

**Palavras-chave.** *existir*<sub>1</sub>/*haver/ter*; predicados predicativos pseudo-transitivos; *existir*<sub>2</sub>; predicado predicativo intransitivo.

**Abstract.** In Brazilian Portuguese, in certain contexts, the verbs *existir* (neutral language), *haver* (formal language) and *ter* (informal language) – with NP generally indefinite, postverbal, requiring a locative – are interpreted as pseudo-transitive predicates, with the semantic function Goal, the syntactical function Direct Object, and the pragmatic function New-Topic, while in other contexts *existir* – with NP generally definite, preverbal, not allowing a locative – can not be interpreted just like *haver* or *ter*, regarded as intransitive lexeme in a predicative predicate structure with the semantic function Ø, the syntactic function Subject, and the pragmatic function Given-Top.

**Keywords.** *existir*<sub>1</sub>/*haver/ter*; pseudo-transitive predicative predicates; *existir*<sub>2</sub>, intransitive predicative predicate.

### 1. Introdução

No Português do Brasil, os verbos *existir*, *haver* e *ter* têm certas ocorrências sinônimas, como em (1a-c) abaixo:

1. a) *Existem* leões na África.
- b) *Há* leões na África.
- c) *Tem* leões na África.

Entretanto, *existir* tem outras ocorrências, que não são sinônimas de *haver* e *ter*, como nas sentenças do tipo de (1d,e), abaixo:

1. d) *Deus existe.*

e) *Eu existo.*

Quando os verbos *existir*, *haver* e *ter* ocorrem em duas orações, no mesmo período ou frase, tal como em (2), abaixo, surgem alguns problemas, assim como em (3) onde elas são contraditórias, e (4b):

2. a) *Existem certos tipos de animais que não existem/não\*há/não\*tem<sup>2</sup>.*

b) *Há certos tipos de animais que não existem/não\*há/não\*tem.*

c) *Tem certos tipos de animais que não existem/não\*há/não\*tem.*

3. a) *Existem<sub>1</sub> animais voadores, mas \*não existem<sub>1</sub> animais voadores.*

b) *Deus existe<sub>2</sub>, mas Deus \*não existe<sub>2</sub>.*

4. a) *Existem<sub>1</sub> alguns animais que não existem<sub>2</sub>.*

b) *Alguns animais que eu sei que não existem<sub>2</sub> \*existem<sub>1</sub>/\*há/\*tem.*

Como se pode observar, o problema é que só as sentenças de (2), em que *existir* está na segunda oração, é que são passíveis de ocorrer no Português falado e escrito do Brasil, em geral. Por acaso temos dois verbos *existir*, ou apenas um *existir* multifuncional?

## 2. Na Gramática Funcional holandesa

Do ponto de vista funcional, a língua ocupa o primeiro lugar, considerada como um instrumento de interação social entre os seres humanos, usada com a intenção de estabelecer relações comunicativas. A partir desse ponto de vista funcional, cada formulação das expressões lingüísticas semântico-sintático-morfológico-fonológicas deveria revelar uma correspondente pragmática apropriada relacionada às intenções comunicativas exclusivas para cada situação/contexto apropriado. Assim, no que se refere aos verbos denominados existenciais, Dik (1989,p.176) admite que “as construções existenciais [...] provêem dificuldades para a interpretação gramatical”. Partindo de construções do Holandês, abaixo:

5 a) *De hond loopt in de tuin.*

‘The dog walks in the garden.’ (‘O cachorro caminha no jardim.’)

b) *Er loopt een hond in de tuin.*

‘There walks a dog in the garden.’ (‘Lá vai um cachorro (caminhando) no jardim.’)

O autor observa que ambos diferem na ordenação dos constituintes, e (5b) tem um advérbio espúrio “Er” que não está presente em (5a). O estado de coisas descrito nas duas construções é similar: em ambas as construções, a atividade de “caminhar no jardim” é predicada a uma entidade-“cachorro”, diferindo-se ambas pelo fato de que (5a) contém o termo específico definido (ds) “*de hond*” (o cachorro) e (5b), o termo específico indefinido (is) “*een hond*” (um cachorro), podendo ter como representações de suas predicções subjacentes (6a,b).

6. a) Pres[[caminhar<sub>v</sub>(ds1x<sub>i</sub>:cachorro<sub>N</sub>(x<sub>i</sub>))<sub>Ag</sub>](d1x<sub>j</sub>:jardim<sub>N</sub>(x<sub>j</sub>))<sub>Loc</sub>]

b) Pres[[caminhar<sub>v</sub>(is1x<sub>i</sub>:cachorro<sub>N</sub>(x<sub>i</sub>))<sub>Ag</sub>](d1x<sub>j</sub>:jardim<sub>N</sub>(x<sub>j</sub>))<sub>Loc</sub>]

Dik (p.176) declara que a diferença entre “específico definido” (ds) e “específico indefinido” (is) parece ser crucial, como abaixo:

7. a) \**Er loopt de hond in de tuin.* (\*‘Walks the dog in the garden.’)

(‘Caminha o cachorro no jardim.’)

b) *Een hond loopt in de tuin.* (‘A dog walks in the garden.’)

(‘Um cachorro caminha no jardim.’)

Para mostrar a diferença entre uma construção locativa e uma construção locativa-existencial, o autor faz uso das sentenças (8a,b) do holandês:

8. a) *De hond is in de tuin.* ‘The dog is in the garden.’ (‘O cachorro está no jardim.’)

b) *Er is een hond in de tuin.* ‘There is a dog in the garden.’

(‘Existe/há/tem um cachorro no jardim.’)

De acordo com Dik (p.177), as diferenças entre (5a,b) e (8a,b) são similares, quanto às diferenças de posicionamento dos termos *de hond* e *een hond*, correspondendo àquelas diferenças subjacentes nos operadores de termos, podendo as suas estruturas subjacentes serem idênticas. Em ambas as construções, há um predicado locativo que aciona a regra de cópula-suporte do holandês (verbo copulativo entre o sujeito e o predicado): (8a) é uma construção locativa, e (8b), uma construção locativa-existencial.

Avançando na análise, Dik apresenta sentenças existenciais do inglês, como em (9a,b), abaixo, denominando (9a) uma construção existencial-locativa, e (9b), uma construção puramente existencial (p.177), que difere da anterior apenas pela ausência de *in África*, podendo receber uma representação subjacente tal como descrita em (9c):

9. a) *There are black swans in Africa.* (Existencial-locativa)

(‘Existem/há/tem cisnes negros na África.’)

b) *There are black swans.* (Existencial não-locativa)

(‘Existem/há/tem cisnes negros.’)

c)  $\text{Pres}((\emptyset)_{\text{Loc}})(\text{ism}_{x_i}:\text{swan}_N(x_i):\text{black}_A(x_i))\emptyset$

Dik (1989,p.181) dá exemplos de existenciais com entidades de primeira ordem (10a) e também de segunda ordem (10b), esta relativa a estados de coisas (segundo Hannay, 1985), representando (10b) como (10c):

10. a) *There's a man outside.* (Entidade de primeira ordem)

(‘Existe/há/tem um homem lá fora.’)

b) *There's a man being beaten up outside.* (Entidade de segunda ordem)

(‘Existe/há/tem um homem sendo surrado lá fora.’)

c)  $\text{Pres}\{(\emptyset)_{\text{Loc}}\}(e_i:[\text{beat-up}(x)(\text{a man})](e_i))\emptyset_{\text{TopNov}}$

Hengeveld (1992, p.97, 101) adapta a representação das construções existenciais de Dik (1980, p.110) – de predicados e de predicções não-verbais aos quais a regra de cópula-suporte se aplica –, em inglês e holandês, e as apresenta como (11), abaixo, em

que o termo locativo é não-especificado e é um subtipo de predicado locativo, representado como (12):

11.  $(f_i:(\emptyset)_{Loc}(f_i))(x_1)\emptyset$

12.  $(f_i:(x_1)_{Loc}(f_i))(x_2)\emptyset$

Hengeveld justifica essas construções com exemplos do tipo (13a,b), representando (13b) como (13c):

13. a) *There is beer without alcohol.* ('Existe/há/tem cerveja sem álcool.')

b) *There is beer without alcohol in the kitchen.* ('Existe/há/tem cerveja sem álcool na cozinha.')

c)  $(f_i:(x_i)_{Loc}(f_i))(x_j: beer\ without\ alcohol(x_j)\emptyset)\emptyset$

Alternativamente Hengeveld (1992, p.159-160), aborda um tipo de predicação lexical pseudo-transitiva, considerando verbos pseudo-transitivos aqueles resquícios de verbos originalmente transitivos que perderam alguma(s) de suas características lexicais e conservaram outras. Nos exemplos (14a,b), abaixo, os verbos, originalmente, possessivos podem, segundo o autor, se mostrar em predicções pseudo-transitivas, expressando sentido existencial e locativo (14a), e seus argumentos se comportam como um argumento Meta, mostrado por pronominalização (14b):

14. a) *Spanish* (Indo-Hittite; Suñer, 1982: 22)

*¿Hay un médico en este pueblo?*

Have.PRES.3.SG INDEF doctor LOC DEM town

“\*Has it a doctor in this town?”

‘Is there a doctor in this town?’ (“Existe/há/tem um médico nesta cidade?”)

b) *Spanish* (Indo-Hittite; Suñer, 1982: 22)

*Sí que lo hay.*

yes CMLR 3.SG.ACC.M have.PRES.3.SG

“Of course it has one.”

‘Of course there is one.’ (“É claro que existe/há/tem um.”)

Para comparar a predicação locativa não-verbal com a predicação alternativa verbal pseudo-transitiva LEX2, Hengeveld (1992,p.160) formula-as como (15 a,b).

15. a) Predicação não-verbal

$(e_i:[(f_i:(x_i)_{Loc}(f_i))(x_j)\emptyset](e_i))$

“ $x_j$  is at  $x_i$ ” (‘ $x_j$  está em  $x_i$ ’)

b) Predicação alternativa - LEX2

$(e_i:[(f_i:pred_v(f_i))(x_j)_{Go}(x_i)_{Loc}](e_i))$

“It has  $x_j$  at  $x_i$ ” (‘Tem  $x_j$  em  $x_i$ ’) ou

“See  $x_j$  at  $x_i$ ” (‘Veja  $x_j$  em  $x_i$ ’)

A partir dos exemplos acima, é possível deduzir-se que, no caso de um argumento de segunda ordem (e) de um verbo existencial pseudo-transitivo, nós temos (16a,b):

16. a) Predicação não-verbal  
 $(e_i: [(f_i: (x_i)_{Loc}(f_i))(e_j)_\emptyset](e_i))$   
 “e<sub>j</sub> is at x<sub>i</sub>” (‘e<sub>j</sub> está em x<sub>i</sub>’)
- b) Predicação alternativa - LEX2  
 $(e_i: [(f_i: pred_v(f_i))(e_j)_{Go(x_i)_{Loc}}](e_i))$   
 “It has e<sub>j</sub> in x<sub>i</sub>” (‘Tem e<sub>j</sub> em x<sub>i</sub>’) ou  
 “See e<sub>j</sub> in x<sub>i</sub>” (‘Veja e<sub>j</sub> em x<sub>i</sub>’)

como se pode ver exemplificadas, segundo o autor, em sentenças do espanhol como (17a,b):

17. a) *Las mejores fiestas/celebraciones familiares son en el club.*  
 (‘As melhores festas familiares são no clube.’)
- b) *¿Hay fiestas/celebraciones en el club?* (‘Existem/há/tem festas no clube?’)

## 2.1. Existenciais como predicados de dois argumentos: uma visão diacrônica. Meta/Objeto Direto e Locativo como argumentos semânticos/sintáticos (complementos) do Latim para o Português

No Português do Brasil, os verbos *existir/haver/ter* por vezes poderiam ser considerados como desempenhando um papel gramatical de cópula-suporte de predicados existenciais-locativos ou só existenciais, sinônimos, como em:

18. a) *Existem/há/tem leões na África.*<sup>3</sup>  
 b) *Existem/há/tem leões.*

Entretanto, Câmara Jr. (1976,p.248-249;1ª.ed.,1972) declara que tanto *haver* quanto *ter* desenvolveram, no Português do Brasil, uma forma verbal, na terceira pessoa, com dois complementos: um nome de lugar regido por uma preposição (ou um advérbio) e um outro nome, que é um objeto direto, com o qual o verbo não concorda, como em (19).

19. a) *Na África há leões.*  
 b) *No Brasil já houve numerosas populações indígenas* [nativas].

Por outro lado, o autor menciona o fato de que é uma tendência popular o “erro” de “fazer o verbo concordar com o segundo nome, de modo a fazer um sujeito com esse nome e criar o mesmo padrão de oração que tem o verbo *existir*” (p.249), como em:

20. *No Brasil haviam – como existiam – numerosas populações indígenas.*

O autor explica – resumindo Bourciez (1930,p.252) – que a origem histórica impessoal de *haver* está na transposição do padrão pessoal latino, no qual um nome de lugar era um sujeito de *habere* no sentido de “ter”, e essa mudança consistia em fazer desse nome um complemento circunstancial de lugar, subordinando-o à preposição *in* (port. *em*), como em (21a), em vez de (21b):

21. a) “*in arca Noe habuit homines.*”  
 b) “*arca Noe habuit homines.*”

Isso significa que *existir* está entrando para o padrão de sentenças impessoais como aquelas de *haver* e *ter*, estudadas por Câmara Jr. (1976,p.248-249). Haveria, então, no Português do Brasil, uma tendência à transição do verbo *existir* – considerado intransitivo pessoal – em concordar com o NP sujeito, e, ao mesmo tempo, com

outros/mesmos falantes, ser um verbo transitivo impessoal, como *ter* e *haver*, conforme acima descritos?! Certamente! Mas apenas nas sentenças em que *existir*, *haver* e *ter* são sinônimos, mas não em sentenças com *existir*, do tipo de (22):

22. *Eu penso, logo (eu) existo.*

pois elas não são sinônimas com *haver* ou *ter*, como já se viu em outras partes, e que pode-se ver, também, abaixo:

23. a) *Penso, logo \*há eu/\*tem eu.*

b) *Penso, logo (eu) \*hei, \*há/\*tenho, \*tem.*

Em sentenças do tipo (22) acima, *existir* ocorre pessoalmente e intransitivamente, sendo “proibido” acrescentar-se um circunstancial locativo, tal como:

24. a) *Eu penso, logo (eu) existo \*aqui/\*no Brasil.*

b) *Deus existe \*na África.*

Identificaremos essas duas funções de *existir* como *existir*<sub>1</sub> – sinônimo de *haver* e *ter* –, e *existir*<sub>2</sub> – não sinônimo de *haver* e *ter*.

Como no Português do Brasil há usos de *existir*<sub>1</sub>/*haver*/*ter* predicando também entidades de segunda ordem (evento), como festa(s)/comemoração(ões), como em (25b), representados em (25b’), também há usos de *existir*<sub>2</sub> predicando essas mesmas entidades de segunda ordem (evento), como em (25d), representados em (25d’), oposto de (25c,c’):

25. a) *Existe/há/tem leões na África.*

a’)  $(e_i: [(f_i: \text{pred}_v(f_i)(x_j)_{\text{MetaObj}}(x_i)_{\text{Loc}})](e_i))$

b) *Existe/há/tem sempre festa/comemoração no clube!*

b’)  $(e_i: [(f_i: \text{pred}_v(f_i))(e_j)_{\text{MetaObj}}(x_i)_{\text{Loc}}](e_i))$

c) *Os leões da África existem.*

c’)  $(e_i: [(f_i: \text{pred}_v(f_i)(x_i)_{\emptyset \text{Suj}})](e_i))$

d) *As festas/comemorações do clube existem!*

d’)  $(e_i: [(f_i: \text{pred}_v(f_i))(e_j)_{\emptyset \text{Suj}}](e_i))$

## 2.2. Os existenciais e a topicalidade: *existir*<sub>1</sub> + TopNov e TopDad + *existir*<sub>2</sub>

Para Dik (1989), a topicalidade caracteriza “as coisas sobre as quais falamos” (p.264) ou “as entidades sobre as quais um certo discurso confere informação” (p.267), enquanto o sujeito indica a entidade primariamente selecionada para projetar um ponto de vista sobre um estado de coisas. Nesse sentido, Sujeito e Tópico não necessariamente coincidem, já que o Sujeito pode ser um Tópico Dado (TopDad) e outros tipos de Tópico podem se distribuir ao longo do discurso, como Sub-Tópico (SubTop), Tópico Novo (TopNov), etc. Assim, ocorrências de *existir*<sub>1</sub>/*haver*/*ter* – predicando quer entidades de primeira ordem (25a), quer de segunda ordem (25b) – serão ocorrências com SNs, geralmente indefinidas e pospostas, sendo apresentadas ao interlocutor como Tópico Novo (TopNov). Por outro lado, ocorrências de *existir*<sub>2</sub> – predicando quer entidades de primeira ordem (25c), quer de segunda ordem (25d) – serão ocorrências

com SNs, geralmente definidas e antepostas, sendo apresentadas ao interlocutor como Tópico Dado (TopDad).

### 2.3. *Existir*<sub>1</sub> e *existir*<sub>2</sub>: só e FOCO

Quando sentenças em que o advérbio de exclusão *só* (uma partícula especial para marcar FOCO) ocorre com o verbo *existir*<sub>1</sub>, em (26), e com o verbo *existir*<sub>2</sub>, em (27), como abaixo:

26. a) *Existem só ANIMAIS VOADORES.* (= Não existem outras coisas ou animais de outros tipos.)  
b) *Só existem ANIMAIS VOADORES.* (= Não existem outras coisas ou animais de outros tipos.)  
c) *\*Só existem só ANIMAIS VOADORES.* (=?)
27. a) *Só EU existo.* (= Ninguém mais existe.)  
b) *Eu só EXISTO.* (= Mas não faço nada.)  
c) *Só EU só EXISTO.*<sup>4</sup> (= Ninguém mais – a não ser eu – não faz mais nada a não ser existir.)

observa-se que, quando *só* ocorre antes do SN ou antes de *existir*<sub>1</sub> (e é semelhante a *haver* e *ter*), a interpretação semântica é sempre a mesma; a partícula não pode aparecer antes de ambas as partes da oração, pois *só* tem como seu escopo o único argumento da sentença. Entretanto, há diferentes interpretações, quando *só* ocorre com *existir*<sub>2</sub>: somente antes do SN ou somente antes de *existir*<sub>2</sub>, por um lado, e antes do SN e antes de *existir*<sub>2</sub>, por outro.

Embora sentenças com o verbo *existir*<sub>1</sub>, como em (26c) não possam ocorrer com dois advérbio de exclusão *só*, as sentenças com o verbo *existir*<sub>2</sub>, em (27c), podem. Embora dois FOCOS realmente ocorram em (27c), a representação do FOCO no verbo *existir*<sub>2</sub> corresponde àquilo que poderia ser denominado SUBFOCO – uma vez que o FOCO já teria ocorrido numa pergunta prévia, cuja resposta é a sentença (27c). Isto confirma, de um modo mais efetivo, os diferentes valores e funções de *existir*, no Português do Brasil.

Em todas essas passagens acima com *existir*, *haver* e *ter*, ficou entendido que o falante tem opções morfossintático-semântico-pragmáticas para se referir à existência de entidades no discurso, através de *existir*<sub>1</sub>, no entanto, quando quiser se referir à existência de algo ou alguém em algum mundo possível ou real, é através de *existir*<sub>2</sub>, que ele o faz, seja em uma linguagem genérica, formal ou informal.

### 2.4. Cruzamento de estruturas

Poder-se-ia objetar quanto às estruturas em (25a',c'), no que se referem a frases do tipo (28a), em que “na África” ocorre como anti-tema, necessariamente virgulado, entendendo-se que houve um cruzamento das duas estruturas básicas de predicções de (25a',c'), como significando (28b), podendo ocorrer também como (28c,c'), representadas em (28d):

28. a) Os leões existem<sub>2</sub>, na África.  
b) Existem<sub>1</sub> leões na África e os leões [da África] existem<sub>2</sub>. (= [Você estando] na África, [você verá que] os leões existem<sub>2</sub>.)

c) Os leões, na África, existem<sub>2</sub>.

c') Na África, os leões existem<sub>2</sub>.

d)  $(e_i: [(f_i: \text{existir}_V(f_i)(x_i)_{\emptyset \text{Suj}})](x_j)_{\text{Loc}})(e_i)$

Observe-se que esses cruzamentos não ocorrem de outra forma, pois não são aceitas as frases em (29):

29. a) Na África, os leões \*há, \*hão/\*tem, \*têm.

b) Os leões \*há, \*hão/\*tem, \*têm, na África.

c) Os leões, na África, \*há, \*hão/\*tem, \*têm.

## 2.5. Estruturas subjacentes de predicções com *existir*<sub>1</sub>/*haver*/*ter*, com ou sem Loc, e com *existir*<sub>2</sub>, necessariamente sem Loc

Em suma, as predicções no Português do Brasil com os predicados existenciais pseudo-transitivos *existir*<sub>1</sub>, *haver* ou *ter* – que predicam entidades de primeira ou de segunda ordem – receberão descrições estruturais semântico-sintáticas tais como (30a) existenciais-locativas, e (30b) só existenciais, como abaixo:

30. a) Predicações verbais existenciais pseudo-transitivas com complemento Loc:

1. a)  $(e_i: [(f_i: \text{existir}_V(f_i)(x_j)_{\text{MetaObj}(x_i)_{\text{Loc}})](e_i))$

b)  $(e_i: [(f_i: \text{existir}_V(f_i)(e_j)_{\text{MetaObj}(x_i)_{\text{Loc}})](e_i))$

2. a)  $(e_i: [(f_i: \text{haver}_V(f_i)(x_j)_{\text{MetaObj}(x_i)_{\text{Loc}})](e_i))$

b)  $(e_i: [(f_i: \text{haver}_V(f_i)(e_j)_{\text{MetaObj}(x_i)_{\text{Loc}})](e_i))$

3. a)  $(e_i: [(f_i: \text{ter}_V(f_i)(x_j)_{\text{MetaObj}(x_i)_{\text{Loc}})](e_i))$

b)  $(e_i: [(f_i: \text{ter}_V(f_i)(e_j)_{\text{MetaObj}(x_i)_{\text{Loc}})](e_i))$

b) Predicações verbais existenciais pseudo-transitivas sem complemento Loc:

1. a)  $(e_i: [(f_i: \text{existir}_V(f_i)(x_j)_{\text{MetaObj}})](e_i))$

b)  $(e_i: [(f_i: \text{existir}_V(f_i)(e_j)_{\text{MetaObj}})](e_i))$

2. a)  $(e_i: [(f_i: \text{haver}_V(f_i)(x_j)_{\text{MetaObj}})](e_i))$

b)  $(e_i: [(f_i: \text{haver}_V(f_i)(e_j)_{\text{MetaObj}})](e_i))$

3. a)  $(e_i: [(f_i: \text{ter}_V(f_i)(x_j)_{\text{MetaObj}})](e_i))$

b)  $(e_i: [(f_i: \text{ter}_V(f_i)(e_j)_{\text{MetaObj}})](e_i))$

As predicções com o predicado predicativo intransitivo existencial *existir*<sub>2</sub> – que predicam entidades de primeira ou de segunda ordens – receberão descrições estruturais semântico-sintáticas tais como (31) abaixo:

31. Predicações verbais intransitivas existenciais

1.  $(e_i: [(f_i: \text{existir}_V(f_i)(x_i)_{\emptyset \text{Suj}})](e_i))$

2.  $(e_i: [(f_i: \text{existir}_V(f_i)(e_j)_{\emptyset \text{Suj}})](e_i))$

Historicamente, uma condição normativa tem forçado todo uso literário da linguagem a concordar o verbo *existir*<sub>1</sub>, mas não concordar o verbo *haver* (nem *ter*),

com o SN que ocorre com ele, antes ou depois, uma vez que com *existir*<sub>2</sub> a concordância é normalmente automática.

De qualquer maneira, os falantes do Português do Brasil têm opções verbais existenciais com SN, geralmente indefinido, depois dos verbos *existir*<sub>1</sub> (linguagem genérica), *haver* (linguagem formal) e *ter* (linguagem informal), e com SN, geralmente definido ou com N próprio antes do verbo *existir*<sub>2</sub>.

Essas opções com *existir*<sub>1</sub> e *existir*<sub>2</sub> não são apenas uma preferência estilística morfossintático-semântica, mas uma questão pragmática necessária do falante, quando ele/ela deseja introduzir algo novo no discurso ou relembrar algo ao seu ouvinte (*existir*<sub>1</sub> + Tópico Novo), ou recapitular algo do qual eles falaram no discurso, e declarar algo sobre ele, como sua existência no mundo real – ou em algum mundo possível semelhante ao real (Tópico Dado + *existir*<sub>2</sub>).

### 3. Conclusão

Neste trabalho, mostramos que, de um lado, os verbos *existir*<sub>1</sub>, *haver* e *ter* funcionam como sinônimos em contextos em que, normalmente, o SN-indefinido é posicionado à direita do verbo, e eles quase sempre aceitam um circunstancial locativo – sua função é a de um predicado verbal pseudo-transitivo –, enquanto, quando o verbo *existir*<sub>2</sub> ocorre com SN, normalmente definido, precedendo-o sem um circunstancial locativo, ele não funciona como sinônimo de *haver* nem de *ter* – sua função básica é de um predicado predicativo intransitivo –, o que mostra que o verbo *existir* no Português do Brasil se comporta sintática, semântica e pragmaticamente diferente, exigindo duas estruturas de predicação, distintas, para ambas.

### Notas

<sup>1</sup> Agradeço muitíssimo a Kees Hengeveld, Edson Rosa e Eduardo Penhavel, por suas valiosas sugestões.

<sup>2</sup> O verbo *ter* deveria conservar seu valor transitivo, impessoal, existencial (terceira pessoa singular) e, por causa disso, não é tônico, nem acentuado graficamente.

<sup>3</sup> Na visão funcional, de acordo com Dik (1989, p.73), “em certos casos é difícil decidir-se se um termo dado tem o estatuto de um argumento ou de um satélite” como se pode ver em sentenças do tipo:

i. a) *John bought a car (in Amsterdam)*. (‘John comprou um carro (em Amsterdam).’)

b) *John lives in Amsterdam*. (‘John mora em Amsterdam.’)

O autor justifica que a função semântica de Locação da expressão “in Amsterdam”, em (i a), é um satélite de nível-2 (= adjunto), e, em (i b), um argumento essencial do predicado (= complemento verbal).

<sup>4</sup> Sentenças como essas, com mais de um FOCO, são previstas na GF de Dik (1989, pp.278, 281), em que ele dá uma sentença com diversas predicções, duas das quais apresentando dois termos com atribuição de FOCO:

i. John and Bill came to see me. JOHN was NICE, but BILL was rather BORing e declara: “Até agora nós só demos exemplos em que o FOCO estava sobre um ou mais termos da predicação subjacente.” (p.281).

## Referências bibliográficas

CAMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

DIK, S. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

HENGEVELD, K. *Non-verbal predication: theory, typology, diachrony*. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 1992.

HENGEVELD, P. C. “Semantic relations in non-verbal predication”. In: Jan Nuyts, A. M. Bolkestein & Co Vet. (eds.), *Layers and Levels of Representation in Functional Grammar*. Amsterdam: Benjamins, 1990.

LYONS, J. “A note on possessive, existential, and locative sentences”. In: *Foundations of language* 3, 1967, 390-396.

\_\_\_\_\_. *Semantics*. Cambridge: University Press, 1977.v.1,2.